AESE ESCOLA DE DIRECÇÃO E NEGÓCIOS
Correio da AESE
4.OUT.2011
N.564
PANORAMA
www.aese.pt

Turquia restituirá os bens expropriados às minorias religiosas

O governo turco ordenou por decreto a restituição das propriedades confiscadas a instituições cristãs e judaicas nos anos 70 do século passado. Anunciou-o o próprio primeiro-ministro, o islamista Recep Tayyip Erdoğan, a 28 de Agosto na cidade de Istambul, onde depois assistiu a um jantar para o festejo do final do Ramadão juntamente com representantes das comunidades não muçulmanas. "Estamos conscientes" – disse Erdoğan – "das injustiças que sofreram vários grupos religiosos, por serem diferentes. Mas acabou o tempo em que um cidadão da Turquia podia ser oprimido pela sua religião, origem étnica ou maneira de viver".

A expropriação começou em 1974, quando as fundações religiosas não muçulmanas tiveram de renovar o registo requerido por lei de 1936, que exigia a apresentação de uma declaração de bens. Com esse pretexto, o governo não lhes reconheceu o direito de adquirir propriedades imobiliárias, a não ser que isso estivesse contemplado no registo original, e apreendeu todos os que não figuravam nos inventários de 1936.

Nos últimos anos, a Turquia já devolveu bens confiscados, ou pagou compensações, devido a ter perdido diversos processos judiciais apresentados pelos prejudicados ao Tribunal Europeu de Direitos Humanos (TEDH). Um exemplo recente é um antigo orfanato de Istambul, que o patriarcado grego-ortodoxo recuperou, em Novembro passado, por ordem dos juízes de Estrasburgo. Além disso, a União Europeia tinha vindo a exigir à Turquia uma restituição geral para admitir o seu pedido de ingresso. Isto acabou por se concretizar finalmente.

O decreto de devolução, que ainda deve ser confirmado pelo Parlamento, inclui tanto os bens enumerados como outros, por exemplo, os de mosteiros ou igrejas, que não o estão porque o Estado turco nunca reconheceu personalidade jurídica aos seus titulares. Também se restituirá às fundações não muçulmanas a gestão dos seus cemitérios, que tinha sido transferida para os municípios. Se alguma das propriedades que haviam sido confiscadas foi alienada, o Estado acordará de imediato, com o legítimo dono, uma compensação. As instituições espoliadas terão doze meses para apresentar as suas reclamações.

Os grego-ortodoxos, que foram os mais prejudicados, recuperarão mil imóveis. Uma centena voltará às mãos dos cristãos arménios, ortodoxos ou protestantes, e outros a judeus ou a católicos de rito caldeu.

"Esta é uma medida inédita na história da República Turca", comentou a propósito deste decreto, Kezban Hatemi, um jurista que se especializou nos direitos das diversas minorias, nas suas declarações ao jornal turco em língua inglesa "Today's Zaman" (28 de Agosto de 2011). A partir de agora, acrescentou, "os nossos concidadãos que não são muçulmanos podem sentir-se iguais aos restantes cidadãos da Turquia".

Também existem opiniões menos favoráveis, como a de Harut Sassounian no "The Armenian Weekly" (30 de Agosto de 2011). Este comentarista adverte que o decreto prevê devolver os bens ou o seu preço, mas não indemnizar as instituições religiosas pelas expropriações, algo que, pelo contrário, é imposto pelo TEDH. Por exemplo, na sentença sobre o orfanato grego-ortodoxo mencionado atrás, a Turquia foi condenada, além disso, a pagar ao patriarcado 26.000 euros por danos. Observando que vai continuar a perder os processos por confiscos, o governo turco pretende, com o decreto, que o inevitável lhe saia mais barato, diz Sassounian. Por isso, conclui, as fundações não deveriam retirar as suas queixas perante o Tribunal de Estrasburgo.

Muçulmanos nos EUA depois do 11 de Setembro

Como se olha para os muçulmanos nascidos nos Estados Unidos? Como são eles realmente? Cumprindo-se agora o décimo aniversário do 11 de Setembro, comparamos dois inquéritos recentes sobre este grupo populacional. Muitos declaram-se patriotas; estão optimistas quanto ao futuro; mas pensam que sofrem uma maior discriminação do que outras confissões religiosas.

Pouco se sabe ainda sobre os muçulmanos nascidos nos EUA. O Pew Research Center estima rondarem os 2,75 milhões; ou seja, constituem quase 1% da população norte-americana.

Nascidos de pais muçulmanos estabelecidos nos EUA, são muito jovens. Desejam integrar-se com os seus concidadãos, mas sem abandonarem a sua identidade cultural e religiosa.

Em geral, estes muçulmanos têm uma posição social e económica confortável. Estão satisfeitos. "Integrados e felizes", diz deles à Associated Press, Ibrahim Hooper, porta-voz do Council on American-Islamic Relations, um grupo de direitos civis de muçulmanos.

Tal não significa que a política antiterrorista, provocada pelo 11 de Setembro, não os tenha afectado. Num inquérito do Pew, 52% deles consideram estar marcados pelo governo como um grupo que convém vigiar. E 43% declararam terem sido perseguidos pela polícia no último ano.

Entre as formas de hostilidade sofridas (da polícia ou de cidadãos vulgares), 28% disseram terem sido tratados ou olhados com receio; 22% foram denunciados de modo ofensivo; 21% foram parados no aeroporto por serem muçulmanos, e 13% também receberam algum tipo de advertência da parte de autoridades. Quase 6% declararam terem sido ameaçados fisicamente ou atacados.

Quase metade dos muçulmanos norte-americanos inquiridos dizem que os líderes muçulmanos nos EUA deveriam condenar, com mais contundência, o extremismo islâmico, contra um terço dos que pensam que já fizeram bastante.

A Gallup publicou um relatório para conhecer melhor os muçulmanos norte-americanos, e tomar o pulso ao seu compromisso cívico e religioso.

Nas conclusões de dois inquéritos telefónicos a 2.482 adultos, 475 deles declararam-se muçulmanos. O número de entrevistados dos outros grupos foi escolhido em busca de uma representação que se parecesse com a da população religiosa do país, embora incluísse ateus e agnósticos.

O relatório destaca, como primeira conclusão, que a maioria dos muçulmanos dos EUA condena os métodos violentos. Concretamente, 78% afirmam que os ataques militares contra civis nunca se justificam, contra 21% que acham poderem, por vezes, justificar-se.

A rejeição da violência é mais contundente no caso das agressões terroristas. Aqui, a percentagem dos que a recusam em qualquer caso ascende a 89%.

Os muçulmanos norte-americanos são o grupo religioso que mais confia na imparcialidade do sistema eleitoral. Para os autores do relatório, talvez por confiarem em Obama. No início do mandato, comprometeu-se a reparar as relações com o mundo muçulmano.

Talvez o aspecto mais surpreendente do relatório seja o patriotismo dos muçulmanos norte-americanos. Dois terços deles declaram ter uma forte identificação com os Estados Unidos; uma percentagem muito similar à dos que afirmam o mesmo da sua religião.

Mas desde os atentados do 11 de Setembro, algumas coisas *made in USA* também perderam pontos perante os muçulmanos norte-americanos. Por exemplo, o FBI. E alargou-se a desconfiança para com a política externa dos EUA. De todos os grupos religiosos, é o que mais vezes qualifica de "erros" as guerras do Iraque e do Afeganistão.

J. M.

Reprodução assistida, mais frustração que alegrias

As técnicas de reprodução assistida são como que a panaceia para as pessoas com dificuldades em ter um filho, sobretudo numa idade tardia. Mas os dados da Sociedad Española de Fertilidad mostram que as taxas de sucesso não justificam tanto optimismo.

A Espanha é o terceiro país em número de ciclos de técnicas de reprodução assistida (TRA) e possui uma das legislações menos restritivas, mas tem fama de falta de transparência. Após anos de desconfiança da parte dos seus homólogos continentais, os principais centros espanhóis especializados em técnicas de reprodução assistida, tornaram públicos os seus resultados através da Sociedad Española de Fertilidad (SEF).

As percentagens de sucesso não são optimistas. Em 2009, eram 35%, em média, nas mulheres com 30 anos, diz a SEF. No melhor dos casos (mulher com bom prognóstico e menor de 30 anos, perfil de cliente minoritário), uma fecundação assistida pode ter sucesso de 56% no Instituto Dexeus de Barcelona, de 54,1% na clínica Ginevif de Madrid, ou de 47,2% no Hospital de la Fe de Valência.

Os centros mencionados são os que têm maior prestígio, mas há muitos outros. A adesão ao documento da SEF é voluntária, só abarcando 60% da actividade, a desenvolvida em Espanha por 203 centros, 165 privados e 38 públicos. O modo de lançar os dados na rede não facilita a busca deles para aceder à informação.

O Ministério da Saúde tem pendente a publicação de um registo oficial dos resultados da actividade neste âmbito, ao qual está obrigado pela Lei de Técnicas de Reprodução

Humana Assistida de 2006, assim como de uma lista oficial dos centros autorizados de medicina reprodutiva, sem actualização desde 2004.

Os resultados são pouco lisonjeiros se se tiver em conta que, embora a procura tenha aumentado nos últimos anos (25% entre 2002 e 2004), a idade das mulheres que recorrem a estas clínicas é cada vez mais elevada. Segundo Rosa Tur, do serviço médico reprodutivo do Instituto Dexeus, a média de idade das solicitantes deste centro situa-se hoje nos 37 anos.

A Segurança Social nem sequer inclui, na sua carteira de serviços, a fecundação *in vitro* (FIV) nas mulheres com mais de 40 anos, porque as baixas percentagens de sucesso não justificam os gastos. Segundo um estudo do Instituto Dexeus com mais de 2.000 mulheres de idade superior a 40 anos, a técnica tem os seus limites. Entre os 40 e os 45 anos, em somente 35% das vezes se consegue a gravidez por fecundação *in vitro*, percentagem que diminui até aos 5%-8% no caso da inseminação artificial.

As pessoas não têm filhos, na maioria dos casos, não porque não possam tê-los, mas porque preferiram atrasá-los no tempo. Depois constatam que o seu ciclo biológico chegou ao fim numa idade (40-45) na qual toda a gente tem problemas de fertilidade.

Um caso diferente é o das mulheres que fizeram uma ligação das trompas (15%) para evitar terem mais filhos, e que, mais tarde, por diversas circunstâncias, mudam de opinião. Neste caso, a percentagem de sucesso é mais elevada (até 55%), segundo o parecer de especialistas do Departamento de Ginecologia e Obstetrícia da Clínica Universitária de Navarra, se, em vez da fecundação assistida, a paciente se submeter a um tratamento de reversão da ligação das trompas.

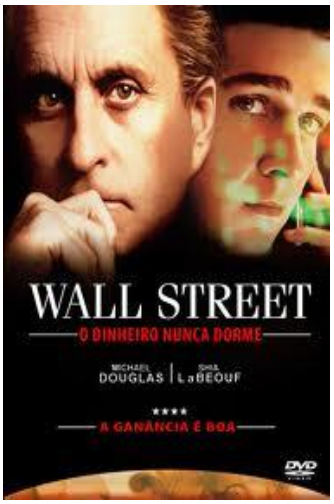
O desejo de ter filhos numa idade tardia provoca, com certa frequência, sequelas psicológicas nas pacientes. "Pode-se desenvolver um sentimento de culpa ou de raiva, porque às vezes chegam a nós como se fosse fácil conseguir a gravidez e não o é", declarou ao "El País", Rosa Tur.

Num estudo sueco "Human Reproduction", 65% dos que abandonam um tratamento de reprodução assistida, sem conseguir a gravidez, fazem-no por cansaço psicológico, mais que por razões médicas ou económicas. A verdade é que a possibilidade tão procurada de ter um filho se converte em parte de um processo na maioria dos casos invasivo e árduo, especialmente na mulher.

A sensação de perder o controlo sobre a própria vida, de vir a sentir-se inútil por não poder conceber um filho, por estar nas mãos de terceiros, os médicos, deriva no que se vem a denominar "a síndrome de infertilidade", uma experiência difícil de superar. O problema, segundo alguns psicólogos, reside no facto de a sociedade não preparar para a infertilidade, mas mais para evitar a gravidez.

A. L.

Wall Street: O dinheiro nunca morre



Realizador: Oliver Stone

Actores: Michael Douglas; Shia LaBeouf

Música: Craig Armstrong

Duração: 133 min.

Ano: 2010

Um filme revelador e denunciador dos motivos pelos quais se chegou à presente situação económica. Tudo começa com a libertação de um *guru* da Bolsa de Nova Iorque, Gordon Gekko, depois de 8 anos passados na prisão devido à prática de actos financeiros ilícitos. Durante o período da sua detenção escreve o livro "Greed is not good", "A ganância não é boa". Apresenta-se agora como um homem arrependido, empenhado em conseguir construir um mundo mais justo e em reconquistar a filha que o via como um mau pai.

O noivo dessa rapariga, corretor de uma firma de investimento típica de Wall Street, vê a sua empresa entrar em crise, devido à queda de acções. Por entre os rumores e as jogadas de bastidores tudo se desmorona. O seu chefe suicida-se. O rapaz planeia então a vingança. Aceita trabalhar para a empresa causadora do colapso da sua firma, aconselhando-se com o *guru* recém-libertado, que via, assim, uma oportunidade de se aproximar da filha.

Quando tudo parece que conduz a um final feliz, eis que Gekko dá o "golpe" e monta a sua empresa, sacrificando novamente os interesses da filha e do futuro genro. Sacia a sua ganância e sede de vingança, reencontrando novamente a solidão e o vazio das aparências ilusórias tão bem encenadas num banquete de beneficência. O mundo da desconfiança. O *happy end* surge com uma surpresa que vai fazer toda a diferença… é que o dinheiro não é mesmo tudo!

Tópicos de análise:

1 - É um erro repetir as mesmas acções falhadas, esperando obter outros resultados.

2 - A ganância é cega e conduz à tomada de decisões baseadas na razão de um só.

3 - A queda pode servir de aprendizagem e de recomeço de uma nova carreira.

4 - A realização pessoal vai mais além do êxito profissional.